

**Imitação, emulação, intertextualidade: Cícero, *Fam.* 5.12 e Plínio, *Ep.* 7.33****Imitation, Emulation, Intertextuality: Cic. *Fam.* 5.12 and Plin. *Ep.* 7.33**

Adriano Scatolin\*  
adrscatolin@gmail.com

**Introdução****1. A “Carta a Luceio”<sup>1</sup>**

A carta que Cícero escreveu ao historiador Lúcio Luceio<sup>2</sup> (*Fam.* 5.12), pedindo-lhe que compusesse uma monografia histórica a seu respeito<sup>3</sup>, é uma das diversas ramificações do incansável esforço de Cícero para reconstruir sua *dignitas*, *auctoritas* e consequente *fides*, depois da humilhação do exílio (de março de 58 a setembro de 57), de que retornara havia pouco menos de dois anos. Mesmo antes do exílio, já ao término de seu consulado (63), marcado pela repressão da Conjuração de Catilina, o Arpinate enfrentava a *invidia* e a reputação de conduta tirânica por ter sido responsável pela execução de cinco dos líderes da conspiração sem lhes oferecer a possibilidade de um processo legal e, como resposta, buscava apresentar uma visão positiva e gloriosa de seu consulado em escritos diversos, fossem os seus próprios (os “discursos consulares”, aparentemente publicados em conjunto em 60<sup>4</sup>, e o poema épico *De consulatu suo*, do mesmo ano), fossem os de terceiros (do poeta Árquias<sup>5</sup>, em 62, bem como do amigo Ático<sup>6</sup> e do filósofo Posidônio<sup>7</sup>, em 60, dos quais apenas o segundo se concretizou). Depois do exílio, o principal canal escolhido pelo orador para apresentar sua “versão oficial” dos fatos<sup>8</sup>, numa espécie de tentativa de reescrever a história, foram os chamados discursos *post reditum*, proferidos, como a denominação tradicional indica, imediatamente após o seu retorno a Roma, mas o Arpinate também escreveu um poema *De temporibus suis* (em 54), depois que sua iniciativa junto a Luceio fracassara.

Luceio passara a se dedicar à historiografia depois de se retirar da vida pública, o que teria acontecido depois de sua derrota para o consulado de 59, para o qual se elegeram Júlio César, a quem Luceio se aliara durante a campanha, e Marco Bíbulo. De sua obra histórica, sabemos praticamente apenas o que Cícero relata na carta aqui traduzida:

\* Adriano Scatolin é Professor Doutor de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> O autor agradece a Marlene Lessa Vergílio Borges pela leitura atenta de uma versão preliminar da tradução, bem como a Tiago Augusto Nápoli e Aline Montesine Fávaro pela igualmente cuidadosa leitura do texto. Todas as datas são a.C., salvo observação em contrário; as abreviações seguem as convenções do *Oxford Latin Dictionary*.

<sup>2</sup> Sobre Luceio, cf. *RE* s.v. *Luceius* (6), coll. 1554-1559.

<sup>3</sup> Escrita provavelmente em 55, embora os manuscritos indiquem o ano de 56. Para a correção da datação, cf. Taylor (1949) e Shackleton Bailey (1977, p. 319).

<sup>4</sup> Cf. *Att.* 2.1.3.

<sup>5</sup> Cf. *Arch.* 28.

<sup>6</sup> Cf. *Att.* 2.1.1.

<sup>7</sup> Cf. *ib.* 2.1.2.

<sup>8</sup> Cf. May 1988, p. 88-127.

Luceio escrevia uma história contínua de caráter analístico, de recorte, portanto, temporal e não temático; tomara a Guerra Social (91–89) como ponto de partida de sua narrativa; já completara o tratamento da Guerra Civil (87-82); e no próêmio da obra, enfim, adotando a postura protocolar de imparcialidade do historiador, comparara-se ao Hércules do mito de Pródico, mencionado por Xenofonte em *Mem.* 2.1.21-34. Não sabemos se escrevia em grego, como era costume nos primórdios da historiografia latina até as *Origens* de Catão, em meados do século II, ou em latim, nem se chegara a completar e publicar sua obra, de que Cícero teria lido apenas uma versão preliminar. Como quer que seja, Luceio não é mencionado nos comentários do personagem Cícero no começo do diálogo *De legibus*, de 51, em que faz duras críticas ao *modus scribendi* dos historiadores latinos<sup>9</sup>, o que parece confirmar a hipótese da não publicação pelo menos até aquele momento, apenas quatro anos após a carta de Cícero.

A monografia planejada por Cícero teria um recorte temático, centrado em sua pessoa. Temporalmente, cobriria um intervalo de cerca de seis anos, começando no início da Conjuração de Catilina, que irrompera nos últimos meses do consulado de Cícero, em 63, passando pelo exílio e culminando com seu retorno triunfal, na segunda metade de 57. A escrita monográfica teria a vantagem, argumenta o orador, de evitar a monotonia do relato e o conseqüente fastio do leitor, próprios do recorte analístico; de possibilitar a exploração das diferentes emoções que a narrativa poderia provocar; e de permitir reviravoltas na trama, garantindo, dessa maneira, o deleite do público. A pretendida monografia teria estrutura análoga à de uma peça, com unidade de ação e de protagonista e pelo menos três atos: consulado, exílio e volta triunfal — ou seja, passando da boa para a má fortuna e tornando à boa (o que também contribuiria para o deleite do leitor). Para conferir lastro à sua escolha, o Arpinate evoca o precedente de três grandes historiadores gregos (Calístenes, Timeu e Políbio), que haviam feito recortes monográficos dentro do quadro maior de seus escritos contínuos. Conforme Cícero escreve a Ático, comentando a carta a Luceio, que qualifica de *valde bella* (“belíssima”), este teria aceitado a encomenda, para a qual parece ter preparado, pouco tempo depois, os apontamentos prometidos no fim da carta<sup>10</sup>. No entanto, o projeto parece não ter sido levado adiante, exatamente como acontecera nos casos de Árquias e Posidônio.

## 2. A “Carta a Tácito”

Em 7.33, Plínio segue o modelo ciceroniano: escreve a um historiador, Tácito, que também está elaborando uma história universal, solicitando-lhe que insira um episódio de sua carreira oratória em suas *Histórias*, o que lhe proporcionaria a imortalidade.

A “façanha” narrada por Plínio é bastante modesta: trata-se de uma mostra de coragem durante um processo *de repetundis* ocorrido no Senado, na época de Domiciano, em que vicejavam os delatores. Plínio fora designado pelo Senado como representante da província da Bética, juntamente com Herênio Senecião, patrono local. O réu era Bébio Massa, acusado de extorsão dos provincianos durante seu governo da Bética. Uma vez condenado o réu, encerrava-se o papel dos dois advogados, e a execução da pena, que consistia na *relegatio* de Massa e no confisco de seus bens, para ulterior restituição aos

---

<sup>9</sup> Essa pode ser a origem do comentário alusivo de *Leg.* 1.7 (grifos nossos): *Sisenna [...] omnes adhuc nostros scriptores (nisi qui forte nondum ediderunt, de quibus existimare non possumus), facile superavit* [“Sisena [...] superou facilmente, até o momento, todos os nossos historiadores (à exceção dos que porventura ainda não publicaram, de quem não podemos emitir um juízo”]. Todas as traduções dos excertos citados em nota são de nossa autoria.

<sup>10</sup> *Cic. Att.* 4.6.4; 4.9.2; 4.11.2

provincianos, ficava a cargo dos cônsules que presidiam o processo. No entanto, Senecião percebera que os magistrados haviam negligenciado o confisco do patrimônio de Massa, o que poderia, caso este decidisse dilapidá-lo, inviabilizar seu ressarcimento. Senecião pede então a ajuda de Plínio, para que ambos solicitem aos cônsules que executem a pena à risca. Bébio Massa, já condenado, aproveita-se da quebra de protocolo e da ingerência da acusação para imediatamente acusar Senecião de *impietas*, talvez por má-fé para com o réu. É nesse momento que intervém Plínio: ora, se ambos haviam feito a solicitação aos cônsules, por que razão Massa acusava apenas Senecião? Isso poderia ser tomado como indício de prevaricação da parte de Plínio, ou seja, de um conluio entre acusação e defesa, para obter a absolvição do réu de maneira fraudulenta. Infelizmente, não sabemos a sequência do processo, pois Plínio encerra seu relato com a sua fala e a boa recepção que teve, inclusive do futuro imperador Nerva, de quem recebera, por carta, grandes elogios por sua atuação.

### 3. Imitação e confronto intertextual

A carta de Plínio dialoga intertextualmente tanto com a carta de Cícero como com outras de suas próprias cartas. De fato, no que concerne ao diálogo com o Arpinate, o paralelo é claro. Como em todo confronto intertextual, o autor estabelece uma relação de proporção: Plínio está para Cícero, assim como Tácito está para Luceio, assim como a anedota do processo de Massa está para... as façanhas e vicissitudes do Arpinate! Embora seja impossível fazer uma apreciação do segundo termo, uma vez que nada nos chegou da escrita de Luceio, os dois outros confrontos trazem luz ao significado da carta.

A diferença de magnitude e importância da matéria proposta aos historiadores é tamanha, que só podemos concluir que o efeito de espanto do leitor é deliberado. Nossa impressão se confirma quando confrontamos a “Carta a Tácito” com outras cartas em que o autor discute sua relação de imitação e emulação de Cícero. Já no livro 1 de sua coleção, Plínio aponta a obra oratória do Arpinate como modelo para imitação e emulação (*Ep.* 1.5.12-13); no que respeita à epistolografia, dois passos são fundamentais para o confronto feito aqui, um anterior e o outro posterior à nossa carta.

Em 3.20.10-12, escrevendo a Mécio Máximo, Plínio encerra a carta justificando-se por ter escrito detidamente sobre política, apontando o contexto imperial como causa. A concentração de poder nas mãos do *princeps*, se é benéfica e do interesse público, restringe o número de ocasiões em que é possível falar de política. A contraposição à época republicana, aludida pela menção aos antigos, é evidente:

*Haec tibi scripsi, primum ut aliquid noui scriberem, deinde ut non numquam de re publica loquerer, cuius materiae nobis quanto rarior quam ueteribus occasio, tanto minus ommittenda est. 11. Et hercule quousque illa uulgaria “Quid agis? Ecquid commode uales”? Habeant nostrae quoque litterae aliquid non humile nec sordidum nec priuatis rebus inclusum. 12. Sunt quidem cuncta sub unius arbitrio, qui pro utilitate communi solus omnium curas laboresque suscepit; quidam tamen salubri temperamento ad nos quoque uelut riui ex illo benignissimo fonte decurrunt, quos et haurire ipsi et absentibus amicis quasi ministrare epistulis possumus. (Plin. Ep. 3.20.10-12)*

“Eu lhe escrevi sobre tais assuntos, em primeiro lugar, para lhe contar alguma novidade; em segundo, para falar de vez em quando de política,

matéria que, justamente por termos bem menos oportunidade de tratar do que os antigos, não deve passar em branco. 11. E mais: até quando ficaremos naquelas expressões banais, “Como vai? Está bem de saúde?” Também nossas cartas devem apresentar algo que não seja simples, trivial ou restrito a questões privadas. 12. A verdade é que tudo se encontra sob o arbítrio de uma única pessoa, que, pelo proveito geral, assumiu sozinho os encargos e os trabalhos de todos. No entanto, também para nós, nas devidas proporções, fluem de fonte tão benigna fios d’água, à maneira de riachos, e podemos tanto beber deles em pessoa como oferecê-los aos amigos ausentes, por assim dizer, em nossas cartas.”

Em 9.2.1-3, carta a Júlio Sabino, Plínio retoma a mesma temática, num paralelo com implicações importantes, ao justificar ao amigo o motivo de não lhe escrever cartas com a frequência e a extensão desejadas:

*Praeterea nec materia plura scribendi dabatur. 2. Neque enim eadem nostra condicio quae M. Tulli, ad cuius exemplum nos uocas. Illi enim et copiosissimum ingenium et par ingenio qua uarietas rerum, qua magnitudo largissime suppetebat; 3. Nos quam angustis terminis claudamur etiam tacente me perspicias [...]. (Plin. Ep. 9.2.1-3)*

“Ademais, não havia muito mais matéria a escrever. 2. Sem contar que nossa condição não é a mesma que a de Marco Túlio, cujo modelo você me exorta a seguir. É que ele tinha um engenho riquíssimo, alimentado por uma fartura de temas a um só tempo variados e grandiosos, à altura de seu engenho. 3. Quanto a nós, você pode perceber os estreitos limites em que estamos encerrados mesmo que eu não fale nada [...]”<sup>11</sup>.

Tal como na carta anterior, as restrições da época (que Plínio passa em silêncio, embora aluda a ela com *etiam tacente me*) estão na base das limitações da matéria que tem à disposição para tratar. Mas o mais interessante deste passo, a meu ver, está na conclusão implícita no confronto com Cícero: se a relação de proporção estabelece que Plínio está para Cícero, o rico engenho deste fica sem termo de comparação quando o autor fala de si mesmo, dando a entender que o problema seria apenas uma limitação de matéria, não de engenho.

A carta 7.33 exemplifica à perfeição o que Plínio afirmara em 3.20 e afirmaria em 9.2. O confronto permite uma percepção mais aprofundada do desnível das matérias oferecidas a Luceio e a Tácito. A anedota sobre a participação do autor no processo de Bêbio Massa pode ser entendida como um dos “pequenos fios d’água” de que Plínio por vezes “bebia” em suas cartas, ao tratar dos raros momentos de interesse na vida pública que considerava dignos de nota. Era a esses mirrados temas que aplicava seu engenho, imitando e tentando emular a escrita ciceroniana.

Além desse enquadramento geral, o diálogo com passos específicos da Carta a Luceio produz novos significados, quase sempre para desvantagem de Cícero, seja pela escrita mais enxuta, seja pelas implicações do confronto. Assim, no §2, retomando a comparação com as artes plásticas do §7 da Carta a Luceio, Plínio restringe-se à escultura, enquanto Cícero mencionara a escultura e a pintura, mediante os exemplos de Apeles e

---

<sup>11</sup> Tradução publicada em Matos & Scatolin (2018, p. 34-35).

Lisipo; no §3, Plínio elenca os dois fatores com que conta para granjear a imortalidade (*tuo ingenio, tuo testimonio*), ao passo que o Arpinate enumerara três, e sempre com dois termos para cada membro (*uel auctoritate testimoni tui uel indicio beneuolentiae uel suauitate ingeni*): restringindo-se a um substantivo por termo, volta a apresentar uma versão mais enxuta do que o texto de partida; eliminando a *beneuolentia*, emula o Arpinate, por dar a entender que não carece da simpatia e, portanto, da parcialidade, de Tácito; e no §10, enfim, o autor reforça este último ponto, ao deixar claro que Tácito deve se ater à verdade histórica, imparcial, ao contrário de Luceio, a quem Cícero pede parcialidade e afastamento da verdade, em tom joco-sério (§3).

Em suma, pode-se dizer que a Carta a Tácito *encena* o fracasso da tentativa de alinhar sua matéria com a da Carta a Luceio, ao passo que a verdadeira emulação se dá nos detalhes, nas pequenas tentativas de “correção” do modelo ciceroniano, tanto do ponto de vista da escrita, que é mais enxuta e concisa em Plínio, como da relação com os protocolos de imparcialidade e busca da verdade do historiador.

**Traduções: Cícero, *Fam.* 5.12 e Plínio, *Ep.* 7.33**

## **1. Cic. *Fam.* 5.12**

### **1.1 Texto latino<sup>12</sup>**

Ser. Antii c. prid. Id. Apr. an. 55

M. CICERO S. D. L. LUCCEIO Q. F.

1. Coram me tecum eadem haec agere saepe conantem deterruit pudor quidam paene subrusticus quae nunc expromam absens audacius; epistula enim non erubescit.

Ardeo cupiditate incredibili neque, ut ego arbitror, reprehendenda nomen ut nostrum scriptis illustretur et celebretur tuis. quod etsi mihi saepe ostendis te esse facturum, tamen ignoscas uelim huic festinationi meae. genus enim scriptorum tuorum, etsi erat semper a me uehementer exspectatum, tamen uicit opinionem meam meque ita uel cepit uel incendit ut cuperem quam celerrime res nostras monumentis commendari tuis. neque enim me solum commemoratio posteritatis ac spes quaedam immortalitatis rapit sed etiam illa cupiditas ut uel auctoritate testimoni tui uel indicio beneuolentiae uel suauitate ingeni uiui perfruamur.

2. Neque tamen haec cum scribebam eram nescius quantis oneribus premerere susceptarum rerum et iam institutarum. sed quia uidebam Italici belli et ciuilibus historiam iam a te paene esse perfectam, dixeras autem mihi te reliquas res ordiri, deesse mihi nolui quin te admonerem ut cogitares coniunctene malles cum reliquis rebus nostra contexere an, ut multi Graeci fecerunt, Callisthenes Phocicum bellum, Timaeus Pyrrhi, Polybius Numantinum, qui omnes a perpetuis suis historiis ea quae dixi bella separauerunt, tu quoque item ciuilem coniurationem ab hostilibus externisque bellis seiungeres. equidem ad nostram laudem non multum uideo interesse, sed ad properationem meam quiddam interest non te exspectare dum ad locum uenias ac statim causam illam totam et tempus adripere; et simul, si uno in argumento unaque in persona mens tua tota uersabitur, cerno iam animo quanto omnia uberiora atque ornatora futura sint.

Neque tamen ignoro quam impudenter faciam qui primum tibi tantum oneris imponam (potest enim mihi denegare occupatio tua), deinde etiam ut ornes me postulem. quid si

---

<sup>12</sup> Texto usado para a tradução: Shackleton Bailey (1988).

illa tibi non tanto opere uidentur ornanda? 3. sed tamen, qui semel uerecundiae finis transierit, eum bene et nauiter oportet esse impudentem. itaque te plane etiam atque etiam rogo ut et ornes ea uehementius etiam quam fortasse sentis et in eo leges historiae negligas gratiamque illam de qua suauissime quodam in prohoemio scripsisti, a qua te flecti non magis potuisse demonstras quam Herculem Xenophontium illum a Voluptate, eam, si me tibi uehementius commendabit, ne aspernere amorique nostro plusculum etiam quam concedet Veritas largiare. Quod si te adducemus ut hoc suscipias, erit, ut mihi persuadeo, materies digna facultate et copia tua. 4. a principio enim coniurationis usque ad reditum nostrum uidetur mihi modicum quoddam corpus confici posse, in quo et illa poteris uti ciuiliu commutationum scientia uel in explicandis causis rerum nouarum uel in remediis incommodorum, cum et reprehendes ea quae uituperanda duces et quae placebunt exponendis rationibus comprobabis et, si liberius, ut consuesti, agendum putabis, multorum in nos perfidiam, insidias, prodicionem notabis. multam etiam casus nostri uarietatem tibi in scribendo suppeditabunt plenam cuiusdam uoluptatis, quae uehementer animos hominum in legendo te scriptore tenere possit. nihil est enim aptius ad delectationem lectoris quam temporum uarietates fortunaequae uicissitudines. quae etsi nobis optabiles in experiendo non fuerunt, in legendo tamen erunt iucundae; habet enim praeteriti doloris secunda recordatio delectationem; 5. ceteris uero nulla perfunctis propria molestia, casus autem alienos sine ullo dolore intuentibus, etiam ipsa misericordia est iucunda. quem enim nostrum ille moriens apud Mantineam Epaminondas non cum quadam miseratione delectat? qui tum denique sibi euelli iubet spiculum postea quam ei percontanti dictum est clipeum esse saluum, ut etiam in uulneris dolore aequo animo cum laude moreretur. cuius studium in legendo non erectum Themistocli fuga †redituque† retinetur? etenim ordo ipse annalium mediocriter nos retinet quasi enumeratione fastorum; at uiri saepe excellentis ancipites uariique casus habent admirationem, expectationem, laetitiam, molestiam, spem, timorem; si uero exitu notabili concluduntur, expletur animus iucundissima lectionis uoluptate.

6. Quo mihi acciderit optatius si in hac sententia fueris, ut a continentibus tuis scriptis, in quibus perpetuam rerum gestarum historiam complecteris, secernas hanc quasi fabulam rerum euentorumque nostrorum. habet enim uarios actus multasque <mut>ationes et consiliorum et temporum. ac non uereor ne adsentatiuncula quadam aucupari tuam gratiam uidear cum hoc demonstrem, me a te potissimum ornari celebrarique uelle, neque enim tu is es qui quid sis nescias et qui non eos magis qui te non admirentur inuidos quam eos qui laudent adsentatores arbitrere; neque autem ego sum ita demens ut me sempiternae gloriae per eum commendari uelim qui non ipse quoque in me commendando propriam ingeni gloriae consequatur. 7. neque enim Alexander ille gratiae causa ab Apelle potissimum pingi et a Lysippo fingi uolebat, sed quod illorum artem cum ipsis tum etiam sibi gloriae fore putabat. atque illi artifices corporis simulacra ignotis nota faciebant, quae uel si nulla sint, nihilo sint tamen obscuriores clari uiri, nec minus est Spa<r>tates Agesilaus ille †perhibendus†, qui neque pictam neque fictam [tam] imaginem suam passus est esse, quam qui in eo genere laborarunt. unus enim Xenophontis libellus in eo rege laudando facile omnes imagines omnium statuasque superauit.

Atque hoc praestantius mihi fuerit et ad laetitiam animi et ad memoriae dignitatem si in tua scripta peruenero quam si in ceterorum quod non ingenium mihi solum suppeditatum fuerit tuum, sicut Timoleonti a Timaeo aut ab Herodoto Themistocli, sed etiam auctoritas clarissimi et spectatissimi uiri et in rei publicae maximis grauissimisque causis cogniti atque in primis probati, ut mihi non solum praeconium, quod, cum in Sigeum uenisset, Alexander ab Homero Achilli tributum esse dixit, sed etiam graue testimonium

impertitum clari hominis magnique uideatur. placet enim Hector ille mihi Naeuianus, qui non tantum ‘laudari’ se laetatur sed addit etiam ‘a laudato uiro.’

8. Quod si a te non impetro, hoc est, si quae te res impediēt (neque enim fas esse arbitror quicquam me rogantem abs te non impetrare), cogar fortasse facere quod non nulli saepe reprehendunt: scribam ipse de me, multorum tamen exemplo et clarorum uirorum. sed, quod te non fugit, haec sunt in hoc genere uitia: et uerecundius ipsi de sese scribant necesse est si quid est laudandum et praetereant si quid reprehendendum est. accedit etiam ut minor sit fides, minor auctoritas, multi denique reprehendant et dicant uerecundiores esse praecones ludorum gymnycorum, qui, cum ceteris coronas imposuerint uictoribus eorumque nomina magna uoce pronuntiarint, cum ipsi ante ludorum missionem corona donentur, alium praeconem adhibeant, ne sua uoce se ipsi uictores esse praedicent. 9. haec nos uitare cupimus et, si recipis causam nostram, uitabimus idque ut facias rogamus.

Ac ne forte mirere cur, cum mihi saepe ostenderis te accuratissime nostrorum temporum consilia atque euentus litteris mandaturum, a te id nunc tanto opere et tam multis uerbis petamus, illa nos cupiditas incendit de qua initio scripsi, festinationis, quod alacres animo sumus ut et ceteri uiuentibus nobis ex libris tuis nos cognoscant et nosmet ipsi uiui gloriola nostra perfruamur.

10. His de rebus quid acturus sis, si tibi non est molestum, rescribas mihi uelim. si enim suscipis causam, conficiam commentarios rerum omnium; sin autem differs me in tempus aliud, coram tecum loquar. tu interea non cessabis et ea quae habes instituta perpolies nosque diliges.

## 1.2. Tradução

Âncio<sup>13</sup>, c. 12 de abril de 55 a.C.

Marco Cícero saúda Lúcio Luceio, filho de Quinto

1. Embora o tentasse muitas vezes, um pudor quase provinciano<sup>14</sup> impediu-me de tratar com você, em pessoa, exatamente deste assunto que agora, à distância, revelarei com toda a audácia — é que uma carta não cora.

Ardo de um desejo extraordinário e, creio eu, nada censurável, de que meu nome ganhe brilho e celebridade por meio de seus escritos<sup>15</sup>. Embora você muitas vezes dê mostras de que o fará, gostaria que perdoasse esta minha impaciência<sup>16</sup>: é que, embora eu tenha sempre esperado ansiosamente conhecer a natureza de seus escritos<sup>17</sup>, ela superou

<sup>13</sup> Na última versão de seu texto, para a coleção Loeb, Shackleton Bailey (2001, p. 54) propõe a vila de Cícero em Cumas como o local de escrita da carta.

<sup>14</sup> *Subrusticus*, traduzido aqui por “provinciano”, é fina ironia de Cícero: a carta revelará, pelo contrário, toda a sua *urbanitas* [“urbanidade”, i.e., “refinamento”, “fineza”, “cultura”, “polidez”, características entendidas como próprias dos cidadãos] no trato com o historiador Luceio. O *paene* [“quase”], em *paene subrusticus*, é crucial, nesse sentido.

<sup>15</sup> Ao longo de toda a carta, Cícero, num movimento pendular, falará sempre de sua glória como contrapartida da glória de Luceio, garantida pelos escritos deste. Essa estratégia tem um duplo efeito: 1) anular a impressão de arrogância que a menção à própria glória poderia causar; 2) louvar Luceio e sua obra, colocando-os no mesmo patamar de Cícero, para tentar conquistar sua simpatia e benevolência.

<sup>16</sup> A impaciência de Cícero é apresentada de maneira decorosa, porque decorre dos escritos de Luceio e da ótima impressão que teriam causado no Arpinate.

<sup>17</sup> A palavra *genus*, que traduzimos aqui por “natureza”, pode ser entendida de várias formas. Num sentido mais geral, que escolhemos aqui, diz respeito à natureza dos escritos de Luceio de maneira mais global, podendo abarcar, por exemplo, os aspectos da invenção, disposição e elocução e, principalmente, a

minha expectativa, me tomou ou, antes, incendiou de tal forma, que desejei que os meus feitos<sup>18</sup> fossem o mais rapidamente possível confiados a seus relatos históricos<sup>19</sup>. De fato, não me arrebatava apenas a ideia da recordação por parte da posteridade e certa esperança de imortalidade, mas também o desejo de desfrutar, ainda vivo, seja da autoridade de seu testemunho, seja da marca de sua benevolência, seja do encanto de seu engenho<sup>20</sup>.

2. No entanto, ao escrever estas palavras, não ignoro o quanto o preme o enorme fardo dos trabalhos que assumiu e já iniciou<sup>21</sup>. Porém, por perceber que já quase completou a história da Guerra Itálica e da Guerra Civil<sup>22</sup> (você me disse que já havia começado os demais trabalhos), não quis deixar de lhe advertir que reflita se prefere reunir minhas façanhas com as demais<sup>23</sup> ou, como muitos gregos fizeram — Calístenes no caso da Guerra da Fócida; Timeu, no da Guerra de Pirro; Políbio, no da Guerra da Numância, que separaram, todos eles, de suas histórias universais as guerras a que fiz menção<sup>24</sup> —, se prefere também você, igualmente, separar a conjuração civil<sup>25</sup> das guerras contra inimigos externos. De minha parte, percebo que não faz muita diferença para o meu louvor, mas faz, sim, alguma diferença para a minha pressa, que você não espere até chegar a esse passo para aproveitar imediatamente toda essa oportunidade e ocasião; e se, ao mesmo

---

interação entre eles; num sentido mais específico, a palavra pode ser entendida como referência à elocução, podendo então ser traduzida por “modo de escrita”, “maneira de escrever” ou “estilo”, como preferem alguns tradutores.

<sup>18</sup> De acordo com a versão oficial propalada por Cícero após seu retorno do exílio, três teriam sido seus feitos: 1) debelar a conjuração de Catilina ao fim de seu consulado, em 63, e salvar a República; 2) deixar Roma e partir para o exílio voluntário, em 58, salvando novamente a República de um derramamento de sangue e de uma possível guerra civil; 3) voltar triunfalmente do exílio.

<sup>19</sup> Dentro do mencionado movimento pendular, no jogo literário e urbano, Cícero desculpa sua impaciência, que seria em si mesma indecorosa, “culpando” os escritos de Luceio. A brincadeira elogiosa é que, não fosse a qualidade dos escritos do historiador, Cícero não se veria ardendo de desejo e pressa de ter seu nome celebrado pelo amigo. Cf. Hall (1998, p. 311): “Such compliments function essentially as offerings intended to compensate for the imposition involved in the request. But the element of wit is important here too. The arch way in which such compliments are usually contrived prevents them from descending into gauche flattery.”

<sup>20</sup> O testemunho de Luceio tem autoridade, como se explicitará adiante, por conta de sua participação na vida pública — em outros termos, Luceio não seria mero historiador “de gabinete”, mas um autor que tem conhecimento direto dos fatos políticos e das decisões públicas; a benevolência ou simpatia de Luceio é necessária para que, em primeiro lugar, aceite a proposta de Cícero; em segundo, para que desafie as leis da história, quebrando seu protocolo de imparcialidade e adotando um modo encomiástico de escrita; o encanto do engenho concerne à elocução, ou seja, ao modo de escrever, que Cícero teria visto nos escritos de Luceio e desejaria ver na monografia que lhe seria consagrada.

<sup>21</sup> Cícero, como em outros passos da carta, permite a Luceio a possibilidade de recusar sem constrangimento. Trata-se de estratégia de polidez bem apontada e analisada por Hall (1998).

<sup>22</sup> Trata-se da guerra contra os aliados itálicos (por isso também chamada “Guerra Social”, de *socii*, “aliados”), que demandavam a cidadania romana, e da Guerra Civil entre Sula e Mário. A primeira durou de 91 a 89; a segunda, de 88 a 82. Sendo assim, Luceio teria ainda cerca de 20 anos de história a narrar antes de chegar a 63, o ano do consulado de Cícero. A ideia do Arpinate, então, é que Luceio deixe de lado a escrita cronológica e adote o recorte monográfico, tendo como tema as façanhas de Cícero.

<sup>23</sup> Ou seja, narrar os quase 20 anos desde a Guerra Civil e, só então, abordar o ano de 63, dentro do contexto maior da narrativa.

<sup>24</sup> O argumento de Cícero aqui é o antecedente no gênero: adotando a proposta do Arpinate, Luceio se alinharia a grandes nomes do passado. Desnecessário dizer que colocar Luceio no mesmo patamar de tais autores é também um elogio do amigo. Nenhuma das monografias aludidas chegou completa até nós: se da *História da guerra de Pirro*, de Timeu (c. 350–d. 264), restam 164 fragmentos, temos apenas um fragmento da *Guerra Sacrada* (denominada *Guerra da Fócida* por Cícero), de Calístenes (c. 360–c. 327), e nenhum da *Guerra da Numância*, de Políbio (a. 199–c. 120). Para uma análise detida da relação dos três autores, cf. Ullman (1942).

<sup>25</sup> A conjuração civil é tradicionalmente denominada “conjuração de Catilina”, consagrada no título da monografia de Salústio.



tempo, sua mente se ocupar de um único argumento e de uma única personagem<sup>26</sup>, sou já capaz de antever o quanto tudo ficará mais rico e ornado.

E, contudo, não ignoro a impudência com que ajo ao lhe impor, em primeiro lugar, tamanho fardo (na verdade, seus encargos podem me dizer não), em seguida, ao exigir também que me celebre. E se esses fatos não lhe parecerem dignos de tamanho esforço para celebrá-los? 3. No entanto, quem ultrapassou uma vez os limites da vergonha deve ser impudente da cabeça aos pés. Sendo assim, peço-lhe aberta e reiteradamente que não apenas celebre com maior entusiasmo do que talvez seja sua opinião, mas que também, ao fazê-lo, negligencie as leis da História<sup>27</sup> e, no que concerne à parcialidade<sup>28</sup> — de que escreveu com extremo encanto em certo proêmio, explicando que não podia ser dobrado por ela mais do que o famoso Hércules de Xenofonte pela Volúpia<sup>29</sup> —, peço que não a desdenhe, caso ela<sup>30</sup> me recomende a você com muito entusiasmo, e que presenteie meu afeto um pouquinho mais do que a verdade permitir.

Se o persuadir a tal empresa, estou convencido de que a matéria estará à altura de sua capacidade e de seus recursos<sup>31</sup>. 4. De fato, parece-me que é possível estabelecer um *corpus* razoável a partir do princípio da conjuração até o meu retorno do exílio<sup>32</sup>, no qual você poderá também fazer uso de seu notório conhecimento das transformações políticas<sup>33</sup>, quer mostrando as causas das revoluções, quer apontando os remédios para os revezes, quando não apenas repreenderá o que considerar digno de vitupério, mas também comprovará, expondo argumentos, o que lhe aprovar, e ainda, se julgar que deve tratar a matéria com mais liberdade, como é seu costume, apontará a perfídia, os enganos, a

---

<sup>26</sup> O critério de unidade da monografia desejada seria duplo: o dos feitos de Cícero e o próprio Cícero. É de notar que, na *Conjuração de Catilina*, de Salústio, escrita cerca de 11 anos depois da Carta a Luceio, o papel central é dado a Catilina, ficando Cícero em segundo plano; e que o debate sobre a sorte dos conjurados gira em torno das posições extremas de César e Catão.

<sup>27</sup> Cf. *de Orat.* 2.62: *nam quis nescit primam esse historiae legem, ne quid falsi dicere audeat? deinde ne quid ueri non audeat? ne qua suspicio gratiae sit in scribendo? ne qua simultatis?* [“De fato, quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer nada de falso? Em seguida, ousar dizer toda a verdade? Não haver suspeita de favorecimento na escrita? Ou de ressentimento?”]; e *Leg.* 1.5: [*Q.*] *Intellego te, frater, alias in historia leges obseruandas putare, alias in poemate. [M.] Quippe, cum in illa ad ueritatem <omnia>, Quinte, referantur, in hoc ad delectationem pleraque; quamquam et apud Herodotum, patrem historiae, et apud Theopompum sunt innumerabiles fabulae* [“Quinto: — Percebo, meu irmão, que você considera preciso observar diferentes leis na história e na poesia. Marco: — Sim, porque na primeira, Quinto, <tudo> remete à verdade, na segunda, quase tudo ao deleite (embora tanto em Heródoto, o Pai da História, como em Teopompo haja incontáveis mitos.)”].

<sup>28</sup> Os prefácios dos historiadores tradicionalmente apresentavam a adesão programática, por parte do autor, à imparcialidade e à isenção, garantias da busca da verdade. Cícero pede, em parte jocosamente, em parte a sério, que Luceio desconsidere tal protocolo, ou “lei”, para ficar com seu termo, para mais facilmente louvar Cícero.

<sup>29</sup> A obra de Luceio mencionada por Cícero não chegou até nós; a alusão que faz é a Xenofonte, *Mem.* 2.1.21-34: neste passo, faz-se menção a um escrito de Pródico, sofista do século V, sobre Hércules e à escolha entre o caminho da virtude e o do vício. Depreende-se, das palavras de Cícero, que Luceio teria imitado Xenofonte em seu escrito, apresentando-se, à maneira de Hércules, numa encruzilhada entre a Parcialidade (*Gratia*) e a Verdade (*Veritas*).

<sup>30</sup> Tal como a Virtude e o Vício eram personificados, no relato de Pródico, como duas mulheres (*kakía*, “vício”, é feminino em grego, daí que Cícero use *Voluptas* no texto e nós, “Volúpia” na tradução), o mesmo deve ter feito Luceio em seu prefácio (ver nota anterior). Cícero mantém o jogo literário, personificando a Parcialidade, que é quem vai recomendar Cícero a Luceio. Se ela o fizer, brinca Cícero, Luceio não deve desdenhá-la.

<sup>31</sup> Outra observação elogiosa: não é Luceio que está à altura de escrever sobre os feitos de Cícero, mas estes é que são dignos do historiador.

<sup>32</sup> O recorte cronológico da monografia desejada compreenderia, assim, quase seis anos: dos meses finais de 63, com o princípio da conjuração, a setembro de 57, com a volta de Cícero do exílio.

<sup>33</sup> Já demonstrado, supõe-se, tanto na atuação política de Luceio como em sua obra histórica anterior.

traição de muita gente contra mim. De fato, ao escrever, minhas desventuras lhe fornecerão uma variedade repleta de prazer tal, que será capaz de reter fortemente a atenção dos leitores, contanto que seja você o escritor. Nada é mais adequado ao deleite do leitor<sup>34</sup> que a mudança das circunstâncias e as vicissitudes da fortuna; e elas, se não foram desejáveis quando as vivenciei, serão, porém, prazerosas na leitura. É que a recordação em segurança de uma dor passada provoca prazer. 5. Ademais, para os outros, que não passaram por nenhum pesar pessoal e contemplam as desventuras alheias sem nenhuma dor, até a misericórdia é, por si mesma, prazerosa. Pois a quem de nós o famoso Epaminondas, morrendo em Mantinea, não provoca uma mistura de prazer e comiseração, quando ordena que se arranque a flecha de seu corpo só depois que, em resposta ao que perguntara, disseram que seu escudo estava salvo, de modo que, mesmo em meio à dor da ferida, pudesse morrer em paz e com honra?<sup>35</sup> De que leitor a fuga e o retorno† de Temístocles não retêm a atenção? E a verdade é que a mera ordem dos anais não nos retém muito, em virtude de uma espécie de contagem de calendário<sup>36</sup>; mas não raro as desventuras incertas e variadas de um homem excelente provocam admiração, expectativa, alegria, pesar, esperança, temor; se, ademais, concluem-se com um fim notável, a mente é tomada de um prazer de ler extremamente agradável.

6. Por isso, eu preferiria que você decidisse separar de seus escritos sequenciais, em que contempla um relato contínuo da história, este drama<sup>37</sup>, por assim dizer, de minhas façanhas e sucessos: é que ele contém ações variadas e muitas mudanças tanto de desígnios como de circunstâncias. E não receio parecer estar à cata de seu favor com uma bajulação barata ao demonstrar que é sobretudo por você que desejo ser exaltado e celebrado: nem você é do tipo que desconhece o próprio valor, julgando invejosos os que não o admiram e bajuladores os que o elogiam; nem eu sou tão demente, a ponto de querer confiar-me à glória eterna por meio de alguém que por si mesmo não consiga também uma glória adequada a seu engenho. 7. E, de fato, não era por favorecimento que o famoso Alexandre queria ser pintado sobretudo por Apeles e esculpido por Lisipo, mas porque julgava que a sua arte seria motivo de glória tanto para eles como para o próprio Alexandre. E aqueles artífices tornavam os simulacros de seu corpo conhecidos a quem não os conhecia, e, se estes simulacros não existissem, os homens ilustres não seriam nem um pouco mais obscuros. E Agesilau, o famoso espartano que não permitiu que se pintasse ou esculpisse sua imagem, não é menos digno de ser mencionado do que aqueles que trabalharam no gênero historiográfico em questão, pois o pequeno livro de Xenofonte, sozinho, ao louvar esse rei, superou facilmente todas as esculturas e estátuas de todos.

---

<sup>34</sup> O “deleite do leitor” (*ad delectationem lectoris*) é a expressão central da concepção ciceroniana de *historia ornata*.

<sup>35</sup> O general tebano Epaminondas vencera os espartanos na batalha de Mantinea, em 362. O relato de *Fin.* 2.97 é mais completo: [...] *cum uicisset Lacedaemonios apud Mantineam atque ipse graui uulnere exanimari se uideret, ut primum dispexit, quaesiuit saluusne esset clipeus. Cum saluum esse flentes sui respondissent, rogauit essentne fusi hostes. Cum id quoque, ut cupiebat, audiuisset, euelli iussit eam qua erat transfixus hastam* [“Depois que [sc. Epaminondas] venceu os lacedemônios em Mantinea, percebendo que estava morrendo, por conta do grave ferimento que sofrera, mal recobrou consciência, perguntou a seus homens se seu escudo estava salvo. Quando lhe responderam, aos prantos, que sim, perguntou-lhes se os inimigos haviam sido desbaratados. Ao ouvir mais essa confirmação, como desejava, ordenou que arrancassem a lança que o traspassara.”].

<sup>36</sup> Sobre a posição crítica de Cícero acerca da elocução do gênero analístico, cf. *de Orat.* 2.53-54 e *Leg.* 1.6.

<sup>37</sup> A monografia é equiparada, pelo critério de unidade temática e de personagem, a uma peça de teatro (*fabula*). Cf. *contra* Leveghi (2007, p. 474-475, n. 103 (com bibliografia)), que entende o termo como “narração dramática e patética”, “relato de natureza literária”.

E para mim — quer para minha alegria, quer para o prestígio de minha memória — será mais vantajoso comparecer nos seus escritos do que nos escritos dos outros, porque não se me fornecerá apenas seu engenho, como ocorreu a Timoleonte no caso de Timeu e, no de Heródoto, a Temístocles, senão também a autoridade de um homem muitíssimo ilustre e distinto, reconhecido e mais que todos aprovado nas causas mais importantes e sérias da República, de modo que parecerá ter-me sido conferido não apenas o panegírico que, ao chegar ao Sigeu, Alexandre disse ter Homero atribuído a Aquiles<sup>38</sup>, mas também o testemunho grave de um ilustre e grande homem. De fato, agrada-me o célebre Heitor de Névio<sup>39</sup>, que não se alegra apenas por “ser louvado”, mas também, acrescenta, “por um homem louvado”.

8. Se não o obtiver de você, ou seja, se algo o impedir (pois não considero sacrilégio não obter algo que lhe peça), serei talvez obrigado a fazer o que não raro alguns criticam: escreverei eu mesmo a meu respeito, seguindo, contudo, o exemplo de homens numerosos e ilustres. Porém, como não lhe escapa, há os seguintes problemas nesse tipo de escrito: é forçoso que escrevam a respeito de si mesmos com muito pudor, se houver algum motivo de elogio, e que façam omissões, se houver algo censurável. Soma-se ainda o fato de que é menor a credibilidade, menor a autoridade, e que muitos, enfim, criticam essa prática, afirmando que têm maior pudor os arautos dos jogos gímnicos, pois coroam os demais vencedores e anunciam os nomes deles em voz alta, mas quando eles próprios são premiados com a coroa, convidam outro arauto antes do término dos jogos, para não terem de anunciar sua vitória com a própria voz. Eu gostaria de evitar isso e, se aceitar minha causa, hei de evitar, e peço que aceite.

9. E para você não ficar se perguntando por que é que, apesar de você muitas vezes dar mostras de que registrará as decisões e os acontecimentos de meu consulado com todo o zelo, eu o peço agora a você com tamanha insistência e tão detidamente, [o motivo é que] me incendeia aquele desejo de pressa sobre o qual escrevi no início, porque anseio que os outros me conheçam pelos seus livros enquanto estou vivo e que, ainda vivo, desfrute de minha pequenina glória.

10. Gostaria, se não lhe fosse incômodo, que me respondesse o que fará a respeito. Se assumir a causa, comporei apontamentos sobre todos os fatos; mas, se me adiar para outra ocasião, falarei pessoalmente com você. Você, entretantes, não ficará ocioso: vai dar lustro ao que iniciou e me conceder sua estima.

## 2. Plin. Ep. 7.33

### 2.1. Texto latino<sup>40</sup>

#### C. PLINIUS TACITO SUO S.

---

<sup>38</sup> Cf. Cic. Arch. 24: *Quam multos scriptores rerum suarum Magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! Atque is tamen, cum in Sigeo ad Achillis tumulum astitisset: 'O fortunate' inquit 'adulescens, qui tuae uirtutis Homerum praeconem inueneris!' Et uere. Nam nisi Ilias illa exstitisset, idem tumulus, qui corpus eius contexerat, nomen etiam obruisset.* [“Quantos historiadores de suas façanhas, segundo dizem, tinha consigo o célebre Alexandre Magno! Porém, diante do túmulo de Aquiles, no Sigeu, ele disse: ‘Ó jovem afortunado, que encontraste um Homero para apregoar tua bravura!’. E é verdade, pois se não tivesse existido a *Ilíada*, o mesmo túmulo que cobrira o seu corpo teria sepultado também o seu nome”].

<sup>39</sup> Frag. 14 Schauer. O verso, que é citado em mais duas obras de Cícero (*Fam.* 15.6.1 e *Tusc.* 4.67), provém da tragédia *Hector proficiscens* (“A partida de Heitor”), do poeta arcaico Gneu Névio. Referências tomadas a Schauer (2012, p. 86).

<sup>40</sup> Texto usado para a tradução: Zehnacker (2012).

1. Auguror, nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras; quo magis illis (ingenue fatebor) inseri cupio. 2. Nam si esse nobis curae solet ut facies nostra ab optimo quoque artifice exprimatur, nonne debemus optare, ut operibus nostris similis tui scriptor praedicatorque contingat? 3. Demonstratio ergo, quamquam diligentiam tuam fugere non possit, cum sit in publicis actis, demonstratio tamen, quo magis credas, iucundum mihi futurum, si factum meum, cuius gratia periculo creuit, tuo ingenio, tuo testimonio ornaueris.

4. Dederat me senatus cum Herennio Senecione aduocatum prouinciae Baeticae contra Baebium Massam, damnatoque Massa censuerat ut bona eius publice custodirentur. Senecio, cum explorasset consules postulationibus uacaturos, conuenit me et: ‘Qua concordia’ inquit ‘iniunctam nobis accusationem exsecuti sumus, hac adaeamus consules petamusque ne bona dissipari sinant, quorum esse in custodia debent.’ 5. Respondi: ‘Cum simus aduocati a senatu dati, dispice num peractas partes nostras senatus cognitione finita.’ Et ille: ‘Tu quem uoles tibi terminum statues, cui nulla cum prouincia necessitudo nisi ex beneficio tuo, et hoc recenti; ipse et natus ibi et quaestor in ea fui.’ 6. Tum ego: ‘Si fixum tibi istud ac deliberatum, sequar te ut, si qua ex hoc inuidia, non tantum tua.’

7. Venimus ad consules; dicit Senecio quae res ferebat, aliqua subiungo. Vixdum conticueramus, et Massa questus Senecionem non aduocati fidem, sed inimici amaritudinem implese, impietatis reum postulat. 8. Horror omnium; ego autem: ‘Vereor’ inquam, ‘clarissimi consules, ne mihi Massa silentio suo praeuaricationem obiecerit, quod non et me reum postulauit.’ Quae uox et statim excepta et postea multo sermone celebrata est. 9. Diuus quidem Nerua (nam priuatus quoque attendebat his quae recte in publico fierent) missis ad me grauissimis litteris non mihi solum, uerum etiam saeculo est gratulatus, cui exemplum (sic enim scripsit) simile antiquis contigisset. 10. Haec, utcumque se habent, notiora, clariora, maiora tu facies; quamquam non exigo ut excedas actae rei modum. Nam nec historia debet egredi ueritatem, et honeste factis ueritas sufficit. Vale.

## 2.2 Tradução

Gaio Plínio saúda seu amigo Tácito

1. Pressinto, e não estou errado em meu pressentimento<sup>41</sup>, que suas *Histórias* serão imortais — um motivo a mais (vou confessar com toda a franqueza) para ansiar ser incluído nelas<sup>42</sup>. 2. Ora, se costumamos ter a preocupação de que nosso aspecto físico seja representado pelos melhores artífices<sup>43</sup>, não devemos desejar que um escritor e um arauto de seu quilate se encarregue de nossas obras? 3. Descrevo uma delas, então —

<sup>41</sup> Segundo Marchesi (2008, p. 228), *auguror, nec me fallit augurium* seria uma alusão jocosa ao sacerdócio de Plínio, que se tornara áugure, provavelmente, em 103 d.C. (cf. Birley 2000, p. 16). A datação aproximativa de Sherwin-White (1966, p. 38) para o livro 7 das cartas de Plínio aponta para o ano de 107 d.C.

<sup>42</sup> Ao contrário de Cícero, que demandava um recorte monográfico de seus feitos a Luceio, separado da obra de caráter universal que escrevia, Plínio, mais humildemente, parece contentar-se com a eventual menção de seu “feito” nas *Histórias* de Tácito.

<sup>43</sup> Plínio retoma e imita, bastante sinteticamente, a comparação com a pintura e a escultura que Cícero desenvolvera em *Fam.* 5.12.7. Marchesi (2008, p. 223) interpreta o passo como uma espécie de convite à comparação com o texto ciceroniano: “Pliny treats the historical example as already fully established; he feels no need to indicate the origin of the precept he gives and he makes no mention of Alexander. The detail suggests that one is invited to perceive Cicero in the background. Pliny’s protasis (*si . . . solet*) has its historical grounding in Cicero’s text.”

mesmo sabendo que ela não pode escapar à sua atenção, constando das atas públicas —, descrevo uma delas, para que você tenha a certeza de que me causará prazer, caso celebre com seu engenho, com seu testemunho<sup>44</sup>, uma atitude minha que cresceu em importância por conta do perigo envolvido<sup>45</sup>.

4. O Senado designara-me para advogado, em parceria com Herênio Senecião, da província da Bética, contra Béblio Massa; depois da condenação de Massa, decretara que seus bens deveriam ser confiados à tutela pública<sup>46</sup>. Senecião, ao perceber que os cônsules não solicitariam os bens, chamou-me de lado e disse: “Façamos uso da mesma união com que realizamos a acusação que nos foi determinada, para pedir aos cônsules que não permitam a dissipação dos bens que devem ficar sob tutela pública.” 5. Eu lhe respondi: “Sendo advogados apontados pelo Senado, veja bem se não considera que nosso trabalho se encerrou com o término do inquérito senatorial<sup>47</sup>”. Ele replicou: “Quanto a você, vai estabelecer o limite que quiser, não tendo nenhum vínculo com a província senão o decorrente de um serviço que prestou, e recente, por sinal; no que me concerne, eu nasci naquela província e fui questor lá”. 6. Eu observei, então: “Se já tem isso por certo e decidido, eu o acompanharei, para que, surgindo alguma animosidade, ela não recaia apenas sobre você.”

7. Abordamos os cônsules; Senecião diz o que cabe dizer; acrescento algumas palavras. Mal termináramos de falar, e Massa, queixando-se que Senecião não apresentara a boa-fé de um advogado, mas a dureza de um inimigo, acusa-o de impiedade<sup>48</sup>. 8. Horror geral! Então eu disse: “Receio, ilustríssimos cônsules, que Massa, com seu silêncio, tenha-me censurado por prevaricação, porque não acusou também a mim”. Tais palavras foram de pronto bem recebidas, tornando-se, em seguida, assunto de muitas conversas. 9. O divino Nerva, por sua vez (pois mesmo quando cidadão privado já atentava às boas condutas públicas), enviou-me uma carta extremamente honrosa, congratulando não apenas a mim, como também a esta geração, que dera um exemplo (foi isso o que escreveu) semelhante ao dos antigos. 10. Tais fatos, seja qual for o seu valor, você os tornará mais notórios, mais ilustres, mais importantes, embora eu não exija que exceda os limites do que realmente aconteceu. É que a História não se deve afastar da verdade, e, para gestos nobres, a verdade basta. Adeus.

---

<sup>44</sup> Enquanto Cícero fizera menção a três características de Luceio, e sempre com mais de uma palavra para cada qualidade (cf. *Fam.* 5.12.1: *uel auctoritate testimoni tui uel indicio beneuolentiae uel suauitate ingeni*), Plínio, em sua versão, abrevia-as para duas, fazendo uso de uma única palavra para cada (*similis tui scriptor praedicatorque*). No confronto intertextual, não parece gratuita a omissão da *beneuolentia*, se pensarmos na maneira como Plínio termina a carta: ora, se Cícero precisava contar com a simpatia de Luceio para aumentar a importância dos fatos, Plínio não precisa da benevolência de Tácito, pois não quer que o historiador se afaste da verdade (cf. *Ep.* 7.33.10: *nec historia debet egredi ueritatem, et honeste factis ueritas sufficit*). O ímpeto emulatório, para ficar com a expressão do próprio Plínio (cf. *Ep.* 1.2.1: ζήλωσι), é evidente. Cova (1972, p. 35-36), a partir deste passo, interpreta a carta como uma polêmica sobre a *fides* histórica, em que o confronto intertextual serve para diferenciar e discordar.

<sup>45</sup> O próprio Plínio reconhece que seu “feito” não é muito grandioso: não fosse o perigo, dá a entender, talvez não fosse sequer digno de menção.

<sup>46</sup> Béblio Massa governara a província da Bética como procônsul. Ao término de seu mandato, fora acusado e condenado, em 93 d.C., por apropriação indébita de fundos dos provincianos. A pena era que seus bens ficassem aos cuidados e à disposição do Senado, para garantir que não fossem usados pelo condenado e para que se procedesse à sua restituição.

<sup>47</sup> Cabia aos magistrados, não aos advogados, ocupar-se da execução da pena. A intromissão indecorosa de Senecião dá margem à acusação de conduta imprópria no caso e impiedade contra o Imperador, feita por Massa logo em seguida.

<sup>48</sup> Conforme observam Lenaz & Rusca (1994, p. 608-9, n. 8), em geral se afirma que *impietas* equivale a *maiestas*, por isso a expressão subsequente *horror omnium*. Já Sherwin-White (1966, p. 446, n. 7) entende *impietas* como um equivalente a *fides*, no sentido de dever profissional e ético do advogado.

## REFERÊNCIAS

- BIRLEY, A. R. *Onomasticon to the Younger Pliny*. K. G. Saur: München & Leipzig, 2000.
- COVA, P. V. Arte allusiva e stilizzazione retorica nelle lettere di Plinio: a proposito di VI, 31, 16-17; II, 6; VIII, 16; VIII, 24; VII, 33, 10. *Aevum*, ano 46, fasc. 1/2, p. 16-36, jan-abr., 1972.
- HALL, J. Cicero to Luceius (*Fam.* 5.12) in Its Social Context: *Valde Bella? Classical Philology*, v. 93, n. 4, p. 308-321, out., 1998.
- LENAZ, L. & RUSCA, L. (Org.). *Plinio il Giovane — Lettere ai familiari*. Volume I. Milano: Rizzoli, 1994.
- LEVEGHI, C. (Trad.). Libro quinto. In: CAVARZERE, A. (Org.). *Cicerone. Lettere ai familiari*. Volume I. Milano: BUR, 2007, p. 415-529.
- MARCHESI, I. *The Art of Pliny's Letters. A Poetic of Allusion in the Private Correspondence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- MATOS, M. B. & SCATOLIN, A. Carta de Plínio o Jovem — seleção temática'. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 6, n. 2, p. 31-51, 2018.
- MAY, J. M. *Trials of Character. The Eloquence of Ciceronian Ethos*. Chapel Hill and London: North Carolina Press, 1988.
- SCHAUER, M. (Ed.). *Tragicorum Romanorum Fragmenta I*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2012.
- SHACKLETON BAILEY, D. R. (Ed.). *Cicero: Epistulae ad Familiares*. Volume I (62-47 B.C.). Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). *M. Tullius Cicero. Epistulae ad Familiares, Libri I-XI*. Stuttgartiae in aedibus B. G. Teubneri, 1988.
- \_\_\_\_\_. (Trad.). *Cicero. Letters to Friends I*. Cambridge, Massachusetts, & London, England: Harvard University Press, 2001.
- SHERWIN-WHITE, A. N. *The Letters of Pliny. A Historical and Social Commentary*. Oxford: Clarendon Press, 1966.
- TAYLOR, L. R. On the Chronology of Cicero's Letters of 56-55 B.C. *Classical Philology*, v. 44, n. 4, p. 217-221, out., 1949.
- ULLMAN, B. L. History and Tragedy. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 73, p. 25-53, 1942.

ZEHNACKER, H. (Ed.). *Pline le Jeune. Lettres. Livres VII-IX*. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

Data de envio: 01-09-2019

Data de aprovação: 26-11-2019

Data de publicação: 11-12-2019